

MEU CRESPO É DE RAINHA: QUESTÕES DE RAÇA E EMPODERAMENTO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL |

HAPPY TO BE NAPPY: RACE AND EMPOWERMENT IN CHILDREN'S LITERATURE

DOI: [10.24979/ambiente.v18i2.1730](https://doi.org/10.24979/ambiente.v18i2.1730)

Adrielly Costa Gomes 

Martha Julia Martins 

Resumo: O presente artigo visa a analisar o livro infanto-juvenil *Meu Crespo é de Rainha* da escritora, pesquisadora e ativista norte-americana Gloria Jean Watkins, mais conhecida por sua marca registrada, bell hooks, grafado em letras minúsculas, para criar uma nova identidade para si. hooks defendia que o feminismo era uma luta coletiva e que o amor era uma forma de resistência (hooks, 2018). Em *Meu Crespo é de Rainha* (2018), escrito, em linguagem poética, hooks incentiva meninas negras a se orgulharem de ser quem são, e portanto, usa o cabelo como uma metáfora desse empoderamento. O padrão de beleza inalcançável é incentivado pelo patriarcado como forma de controle feminino (WOLF, 2018) e a tirania da beleza feminina alcança meninas e mulheres de todas as cores, credos e origens; entretanto, é no corpo negro feminino que os efeitos mais perversos da exclusão e do preconceito são mais sentidos. *Meu Crespo é de Rainha* será analisado sob o viés da crítica literária feminista contemporânea, em diálogo com os estudos de gênero e sexualidade, para que se compreendam os processos históricos, políticos e estéticos e para que se demonstre a importância de uma literatura infanto-juvenil empoderada e engajada na formação da identidade de meninas negras.

Palavras-chave: Feminismo negro. Literatura infanto-juvenil. Empoderamento.

Abstract: This article aims at analyzing the children's book *Happy to be Nappy* by the American writer, researcher and activist Gloria Jean Watkins, better known as bell hooks, her trademark, her name was written in lowercase letters, to create a separated persona to her identity. hooks argued that feminism was a collective struggle, and that love was a form of resistance (hooks, 2018). In *Happy to be Nappy* (2018), written in a poetic language, hooks encourages black girls to be proud of who they are, and therefore uses hair as a metaphor for this empowerment. The unattainable standard of beauty is encouraged by the patriarchy as a form of female control (WOLF, 2018) and the tyranny of female beauty reaches girls and women of all colors, faith and origins; however, it is in black girls and women that the most perverse effects of exclusion and prejudice are most felt. *Happy to be Nappy* is analyzed from the perspective of the contemporary literary feminist criticism in dialogue with gender and sexuality studies, so that the historical, political and aesthetic processes can be understood and demonstrated the importance of an empowered and engaged children's literature in the formation of the identity of black girls.

Keywords: Black feminism. Children's literature. Empowerment.

1.1 Introdução

A história de pessoas negras é historicamente contada a partir de uma perspectiva de inferioridade, marcada pela escravidão e pelo racismo, que se constitui na sociedade brasileira como elemento estrutural herdado da colonização que contribuiu para a marginalização de pessoas negras no Brasil. Angela Davis (2016) explica que durante muito tempo inexistia uma análise aprofundada sobre a vida de mulheres negras, a não ser quando o tópico a ser discutido fosse o tradicional debate sobre a sexualidade dessa mulher e raramente as análises exploravam o papel multidimensional das mulheres negras na comunidade em que viviam.

Até hoje, a comunidade negra no país ainda é diariamente vítima do racismo e de suas sequelas deixadas na sociedade, contudo, erguem-se cada vez mais lutas e debates que visam ao enfrentamento dessa estrutura de exclusão da população negra. Pesquisas mais recentes debruçam-se sobre as questões ligadas ao feminismo negro e não é incomum debates públicos, perfis de redes sociais, influencers digitais e aclamados acadêmicos virem a público debater questões ligadas à mulher negra e à necessidade de combater o racismo contra esses corpos.

Soma-se a isso o aumento da quantidade de livros em português sobre feminismo negro, branquitude, negritude e demais temas relacionados sendo lançados ou relançados nos últimos anos pelo mercado editorial brasileiro voltados para um público leigo ou especializado (Ribeiro, 2018; Kilomba, 2019; Bento, 2022; Carneiro, 2023). Na esteira desse debate, surge a discussão sobre o empoderamento feminino. No português, a palavra trata-se de neologismo e vem de empower. Como explica Berth (2018), “empoderamento” é uma prática de “dar poder” e se configura como caminhos para permitir que os indivíduos ou grupos sejam emancipados a partir da reafirmação, reconhecimento e valorização de si mesmos. O empoderamento, engloba diferentes maneiras de dar espaços dignos aos grupos minoritários, entre eles às pessoas negras, e é uma das formas de possibilitar maior inserção e representatividade negra na sociedade.

Assim, observando o empoderamento no âmbito da beleza negra feminina, percebe-se que ele contribui para o enfrentamento do racismo em diversas esferas, uma vez que mulheres negras sempre tiveram suas características físicas, como os traços da face ou o cabelo, como alvo de piadas, preconceito e inferiorização. Historicamente no Brasil, mulheres negras sempre foram sub-representadas em propagandas, novelas, filmes e passaram a maior parte do tempo sendo submetidas a comparações e aos padrões baseados na estética branca, tendo por exemplo, a prática de alisar o cabelo como habitual da rotina estética de mulheres negras, pois o cabelo crespo ou cacheado nunca foi tão aceito quanto o cabelo liso. Nos últimos anos, vem se fortalecendo um movimento de resgate da beleza negra feminina que busca valorizar e celebrar a identidade das mulheres negras, em que cada vez mais meninas e mulheres negras buscam a aceitação de seus cabelos crespos e cacheados.

Na década de 1980, surge com a ativista e advogada estadunidense Kimberlé Crenshaw o conceito de Interseccionalidade, a partir das discussões acerca da realidade das mulheres negras. Crenshaw observava que as opressões que as mulheres negras sofriam ocorriam de forma multifatorial, ou seja, as mulheres negras sofriam não apenas com o preconceito de raça, mas também de gênero e algumas podendo sofrer também preconceito de classe e/ou outros. A partir dos pensamentos de Crenshaw, os estudos de interseccionalidade foram dialogando com outras perspectivas. Collins e Bilge (2021) escrevem que a interseccionalidade nos faz saber que em períodos e sociedades específicas, as relações de poder que dizem respeito a raça, classe e gênero, por exemplo, funcionam unidas. A teoria da interseccionalidade explica que essas opressões se atrelam, que não podem ser analisadas separadamente e que não geram hierarquias de sofrimentos, pois tais opressões não se encaixam de forma coesa, criando uma única categoria social, pelo contrário, tais opressões demonstram a complexidade das experiências humanas e das relações de poder imbricadas nas relações sociais, desnudando, assim, a sobreposição de opressões e discriminações presentes na sociedade hodierna.

Para a compreensão do empoderamento feminino negro, é necessário compreender também que as questões raciais são históricas e culturais e moldam as vivências de mulheres negras. Almeida (2019) explica o conceito de Racismo Estrutural, expondo que o racismo se faz presente na estrutura social, como na raiz do processo de colonização e que caracterizou a formação social, onde pessoas negras encontram-se ainda atualmente em posições de inferioridade nos diversos espaços e esferas sociais como consequência da marginalização que durante todo o processo de colonização. Utilizando esse conceito, é possível compreender melhor a necessidade de empoderamento de pessoas negras, especialmente no que diz respeito à estética, aos corpos e ao cabelo de mulheres negras.

A partir da compreensão de como opera o racismo em questões de beleza negra e utilizando então como teoria principal a interseccionalidade (Collins; Bilge, 2021) e as pensadoras contemporâneas sobre gênero e sexualidade (Federici, 2017; 2019; hooks, 2021, Butler, 2024), a pesquisa analisou a obra literária infantil de bell hooks, interpretando o discurso de empoderamento voltado para meninas negras presente na obra, a partir da reafirmação da beleza do cabelo em suas diversas possibilidades observando como isso se relaciona com as questões raciais que caminham com essas meninas e mulheres.

Objetiva-se de maneira geral, analisar o livro “Meu crespo é de Rainha”, literatura infanto-juvenil da escritora e ativista norte-americana Gloria Jean Watkins, conhecida como bell hooks, a partir das questões de raça e empoderamento presentes na obra. De maneira específica, o trabalho concentra-se em analisar a literatura infanto-juvenil como instrumento importante no processo de empoderamento de meninas negras, compreendendo questões históricas raciais e o seu entrelaçamento com questões de beleza e identidade feminina negra. Além disso, busca interpretar de que maneira o livro Meu Crespo é de Rainha constrói um discurso de empoderamento feminino negro voltado para meninas em idade escolar. Em outras palavras, objetiva-se discutir literatura anglófona infanto-juvenil,

de forma a articular o texto com os conceitos de interseccionalidade, racismo estrutural e pedagogia antirracista.

A partir da pesquisa bibliográfica de textos teóricos acerca de temas como: raça, racismo e empoderamento, este trabalho busca analisar a ligação entre empoderamento feminino negro e questões interseccionais presentes da obra literária de bell hooks. Sendo assim, na presente pesquisa, na área de literatura inglesa, analisa-se como o empoderamento de meninas negras é construído a partir das imagens da obra da literatura infantil “Meu Crespo é de Rainha” da ativista e pesquisadora estadunidense bell hooks. Na obra de bell hooks em análise, temos um exemplo de como a interseccionalidade pode ser aplicada para o empoderamento, a partir da compreensão da necessidade de reafirmar, reconhecer e valorizar traços étnicos da mulher negra.

“Meu Crespo é de Rainha” é um livro infanto-juvenil de caráter poético e multimodal, cujas imagens se relacionam com os versos potencializando a mensagem a ser transmitida. Nesta pesquisa bibliográfica da área da literatura inglesa, fruto de uma pesquisa de iniciação científica, utiliza-se a obra de bell hook como objeto de estudo e reflexão para compreender como a literatura infanto-juvenil voltada para meninas pode fornecer ferramenta relevante de combate ao racismo e de fortalecimento das identidades dessas meninas.

Na obra é possível perceber como a autora constrói um discurso empoderador acerca do cabelo de meninas negras com uma mensagem positiva de reconhecimento e reafirmação, retratando a diversidade dos cabelos afros e reforçando positivamente a diversidade da beleza negra com a valorização dos cabelos afros em suas diferentes formas e possibilidades. Para a análise, algumas imagens são usadas para exemplificar e facilitar o entendimento do texto, entretanto, o objetivo aqui não consiste em análise semiótica da obra de literatura inglesa, mas sim, análise literária de literatura infanto-juvenil anglófona, sob a ótica da crítica literária feminista contemporânea e estudos de gênero.

1.2 Empoderamento Feminino Negro em *Meu Crespo é de Rainha*

Os estudos interseccionais norteiam, neste trabalho, a interpretação do empoderamento de mulheres negras, apresentado por bell hooks em “Meu Crespo é de Rainha”. Um dos marcos importantes para o início das discussões sobre a interseccionalidade das opressões foi o discurso *Eu não sou uma mulher?* (1851) de Soujourne Truth. Nesse discurso, Truth, que era uma mulher negra que foi escravizada exemplifica que a realidade de mulheres negras não se iguala à de mulheres brancas e que pode variar ainda também de acordo com a classe. Em seu discurso, defendia os direitos civis de mulheres negras e desafiava os preconceitos impostos às mulheres negras. Ainda que Truth não fosse uma mulher alfabetizada, ela traz a importante reflexão intelectual e social acerca da contradição expressa na concepção generalizada de mulher, “suas ações demonstram o processo de desconstrução – ou seja, a exposição de um conceito como ideológico ou culturalmente construído, e não como algo natural ou simples reflexo da realidade” (Collins, 2019, n.p.).

O termo *Interseccionalidade*, no contexto de discussão de opressões, foi introduzido inicialmente pela ativista norte-americana Kimberlé Crenshaw em um estudo publicado em 1989, no qual discute a posição de mulheres negras na sociedade e apresenta críticas à teoria feminista hegemônica e às políticas de antidiscriminação e antirracistas vigentes na época. A partir disso, se intensificam os estudos e discussões sobre o tema, além de outras publicações de Crenshaw, também surgem outras autoras discutindo o tema e refletindo sobre o feminismo negro, como Patricia Hill Collins e bell hooks nos EUA e Lélia González e Suely Carneiro no Brasil.

Collins e Bilge (2021) explicam que as opressões vividas pelos indivíduos são sempre plurais e relacionais, assim não são observadas de forma separada. A teoria examina os sistemas de opressão como fatores que moldam as experiências e identidades sociais. Fatores como raça, gênero e classe e outros são determinantes nos sistemas de opressão e na maioria das vezes criam relações entre si, se interseccionando e assim impactando as vivências dos indivíduos e/ou grupos sociais.

Na América Latina, Lélia Gonzalez (2020) fala sobre a importância do feminismo afro para mulheres latino-americanas, entendendo as contribuições das ativistas norte americanas para o feminismo negro, mas trazendo a necessidade de discussões que incluam as particularidades das mulheres latinas, uma vez que sua localização geográfica já é atravessada por outros sistemas de opressão. A autora reforça que o movimento feminista contribuiu fortemente para a luta das mulheres, o avanço nas discussões e a busca por maior espaço de igualdade e reconfigurações da posição feminina diante das sociedades patriarcais, mas explica que o movimento acaba omitindo ou esquecendo a questão da realidade de mulheres negras, a autora pondera que: “apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, o mesmo não ocorreu diante de outro tipo de discriminação, tão grave quanto a sofrida pela mulher: a de caráter racial”(Gonzalez, 2020, n.p.)

As experiências vividas por mulheres negras se constituem de maneira particular, afetadas pela questão racial. Collins (2019) discute sobre as “imagens de controle” que funcionam como estereótipos que restringem mulheres negras à determinadas condições:

As imagens de controle das mulheres negras não são apenas enxertadas nas instituições sociais existentes, e sim tão amplamente difundidas que, embora essas imagens mudem na imaginação popular, a caracterização das mulheres negras como o Outro persiste. Significados, estereótipos e mitos específicos podem mudar, mas a ideologia geral da dominação parece ser uma característica duradoura das opressões interseccionais (Collins, 2019, p.181).

Além dos exemplos de imagem de controle relacionados ao período de escravidão, a autora traz também a condição da mulher negra como “Outro”. Essa posição na qual as mulheres negras são colocadas, se configura como oposição ao que seria o padrão dentro da visão eurocêntrica, assim entendendo as mulheres negras em situação de contraste, fora do

grupo. Isso se dá pela existência de um pensamento que limita apenas duas visões para as concepções de beleza na sociedade, a primeira é permeada pelos ideais brancos, protegidas pelo pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022) e beneficiadas por esse sistema de opressão, em que mulheres brancas representam a beleza padrão e as mulheres negras, excluídas desses ideais. Collins descreve essas opressões como sustentadas por uma lógica binária: “as loiras magras e de olhos azuis não poderiam ser consideradas bonitas sem o Outro – as mulheres negras com características tipicamente africanas: pele escura, nariz largo, lábios carnudos e cabelo crespo” (Collins, 2019, p.183)

As discussões que envolvam a interseccionalidade servem para compreender a complexidade e diversidade das mulheres, posicionando em lugar de prestígio aquelas que são subjugadas e estigmatizadas na sociedade. A interseccionalidade como ferramenta teórica, metodológica e analítica é importante para o feminismo porque tenta compreender que o feminismo é plural e comporta muitas mulheres, o que contribui para combater as diversas formas de desigualdade e violência advindas das múltiplas situações de opressão.

1.3 Pixaim sim!: questões de beleza negra

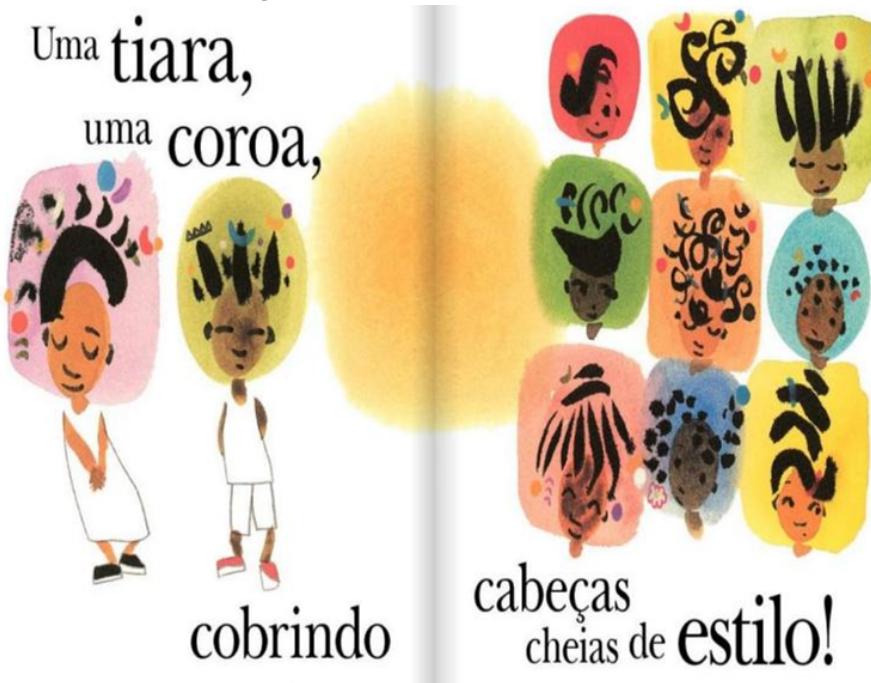
Meu Crespo é de Rainha é construído através da combinação do texto e das ilustrações, ampliando ainda mais as reflexões sobre reconhecimento e identificação de meninas com o próprio cabelo a partir da diversidade das ilustrações. O texto reforça sempre positivamente essa diversidade de texturas, comportamentos do cabelo e penteados. O aroma e a textura do cabelo (cf. Figura 1.1) são evocados como uma lembrança positiva que remete a infância, a boas recordações e ainda ajuda a construir uma linguagem ligada à higiene. Não é demais lembrar que frequentemente cabelos afros são associados a sujidades e a desordem, e a imagem desconstrói essa associação ao ligar o cabelo afro a aromas e texturas agradáveis.

Figura 1.1: Menininha do Cabelo



Fonte: bell hooks, 2018, p. 3

Figura 1.2: Uma tiara, uma coroa



Fonte: bell hooks, 2018, p. 5

Adjetivos e expressões que propiciam um olhar mais afetuoso aos cabelos são frequentemente encontrados no livro, como “cabelo lindo e de cheiro de doce”; “uma tiara, uma coroa cobrindo cabeças cheias de estilo” (hooks, 2018, p.5). O cabelo afro, em suas diferentes texturas e curvaturas, é historicamente alvo de preconceito. Desde a infância, pessoas negras são vítimas de constantes comentários a respeito do cabelo, seja o volume ou mesmo a textura. Se uma criança usa o cabelo crespo ou cacheado solto, o padrão de beleza branca enraizado na sociedade, que dita como bonito o cabelo liso e sem volume é alvo de preconceito e racismo estético. Inúmeras vezes pessoas negras, crianças ou não, são abordados em diversos espaços com questionamentos sobre como e se aquele cabelo é lavado, se costuma entrar água no cabelo afro, se a melhor opção não seria prender o cabelo, etc. Esses comentários além de demonstrarem desconhecimento sobre o corpo negro exteriorizam marcas de um racismo velado acostumado apenas com a beleza de cabelos lisos e claros, e que, portanto, não reconhece outras corporeidades.

A instituição de um padrão estético exclui a diversidade dos cabelos, principalmente da comunidade negra, fazendo com que cabelos volumosos sejam vistos como feios, desarumados e incômodos. A autora utiliza de elementos de exaltação das diferentes formas de cabelos crespos e cacheados no texto comparando-os com tiaras e coroas, como forma de empoderar meninas negras para que se sintam confortáveis com seus cabelos, mesmo que a sociedade diga o contrário. A reafirmação de bell hooks no trecho “cabelo lindo e de cheiro de doce” rebate esse pensamento e dá espaço ao cabelo afro, entendendo que diversidade dos cabelos não impede a higiene.

Figura 1.3: Cabelo pra Enfeitar



Fonte: bell hooks, 2018, p. 8

Em outros trechos (cf. Figura 1.3) como “cabelo pra pentear, cabelo pra enfeitar” e “pra enrolar e trançar ou deixar como está”, a autora também traz a diversidade de penteados e maneiras de usar o cabelo que revelam a liberdade das possibilidades dos cabelos crespos e cacheados. Essa construção do texto dialoga diretamente com a ideia de emancipação política e social que o empoderamento possibilita, como explica Berth (2018). Em uma sociedade ainda tão definida em padrões de beleza herdados da colonização, em que se tem como superior ou agradável os traços comuns de pessoas brancas e cabelos lisos, é de suma importância discutir a validação dos traços e da beleza afro, permitindo espaço e reconhecimento à diversidade.

Ao mencionar o cabelo trançado, o texto abre espaço também para uma importante discussão acerca da cultura e história da comunidade negra. As tranças são mais que penteados, além de culturalmente servirem como proteção e estilo para cabelos, carregam a história de resistência do povo negro. As tranças nagôs, como chamamos atualmente, que são os modelos de tranças feitas totalmente na raiz do couro cabeludo como infinitas possibilidades de desenhos, eram utilizadas pelos escravizados como forma de sobrevivência que usavam as nagôs para desenhar rotas de fuga nas cabeças.

A sociedade que rejeita a história das tranças nagôs rejeita a sua própria história e a história da origem do seu próprio povo. Nesse sentido, quando se pensa em valorizar a história de um povo, o entendimento é de que os caminhos sociopolíticos estão sendo reconstruídos de forma a romper com as vertentes de opressão combatendo “a banaliza-

zação e esvaziamento de toda a teoria construída e sua aplicação como instrumento de transformação social" (Berth, 2018, p. 16).

Após o período da escravidão, as tranças continuaram a ser usadas como penteados e resgate cultural, mas enfrentaram os preconceitos da sociedade colonizada. Ao longo dos anos, o preconceito foi sendo propagado muitas vezes de forma velada, disfarçado de falsas afirmações a respeito das tranças, que constantemente eram associadas a mal cheiro e danificação de cabelo. Atualmente, a comunidade negra levanta um forte movimento de representatividade e empoderamento cultural com o uso das tranças, pessoas debatem essas falsas afirmações nas redes sociais e expõem fatos e cuidados com o cabelo trançado, além de artistas usarem sua visibilidade para dar representatividade e reafirmação às tranças.

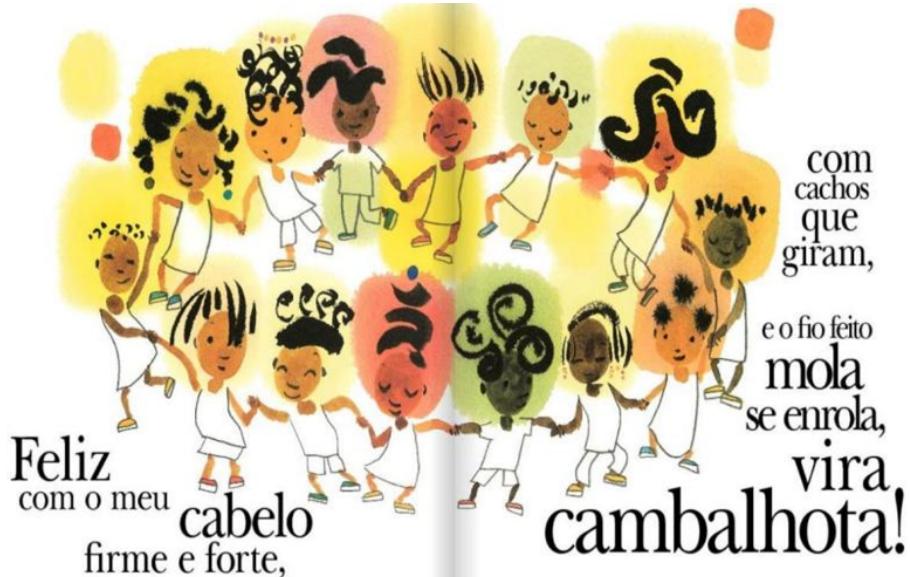
Diversas vezes os cabelos cacheados e crespos são vistos como impossíveis de pentear e se fazerem apresentáveis, como se, diante dos padrões da sociedade, o único comportamento possível para cabelos afro fosse o preso. Interessante pensar que metaforicamente os cabelos afros presos representam corpos negros igualmente aprisionados, impedidos de existirem plenamente, em decorrência do racismo capilar que os condiciona a existirem de apenas uma maneira. É nesse contexto, em que pessoas negras constantemente se encontram inferiorizadas nos espaços em que seus cabelos não são aceitos livres e soltos, ao que bell hooks escreve "deixar como está" como combate a tentativa de inferiorização dos cabelos volumosos, cacheados, afros.

Nesta ilustração abaixo (cf. Figura 1.4), a autora busca construir afeto em meninas negras com seus cachos, reforçando positivamente a singularidade das curvaturas. A questão é de suma importância para que desde a infância, meninas negras construam uma relação afetuosa com seus cabelos para que se sintam mais confiantes diante da visão colonial da sociedade que desde a sua estruturação minoriza traços negros. A estética capilar, como sendo uma consequência dessa perspectiva embranquecedora, fez com que durante muito tempo, pessoas negras rejeitassem seus cabelos e se rendessem ao alisamento e ao tingimento de loiro, por exemplo.

A referência à cambalhota citada na figura (cf. Figura 1.4) ajuda a positivar a alegria de se ter cabelos afros, pois não apenas a menina negra aparenta alegria, como expresso em "feliz com o meu cabelo", ou em, "feito mola se enrola e vira cambalhota", expressando a sua alegria por ser um cabelo afro em um corpo afrodescendente. Interessante notar ainda que a diversidade dos cabelos é expressa através da diversidade de crianças negras de diversos tons de pele negra, uma vez que o colorismo, enquanto forma de racismo e manifestação do racismo estrutural, afeta corpos negros diretamente (Devulsky, 2021). Como um segmento do racismo, o colorismo é uma forma sofisticada de se hierarquizar corpos negros, colocando pessoas negras umas contra as outras, com base nas diferenças da pele e dos traços negros, por isso é importante situar o colorismo fruto de uma mestiçagem violenta como um processo que invisibiliza muitas pessoas negras, especialmente meninas e mulheres que se distanciam de suas identidades raciais e dos elementos culturais presentes

nessas identidades deixando-as sujeitas a todos os tipos de violências, mas principalmente de racismo e injúrias raciais (Devulsky, 2021).

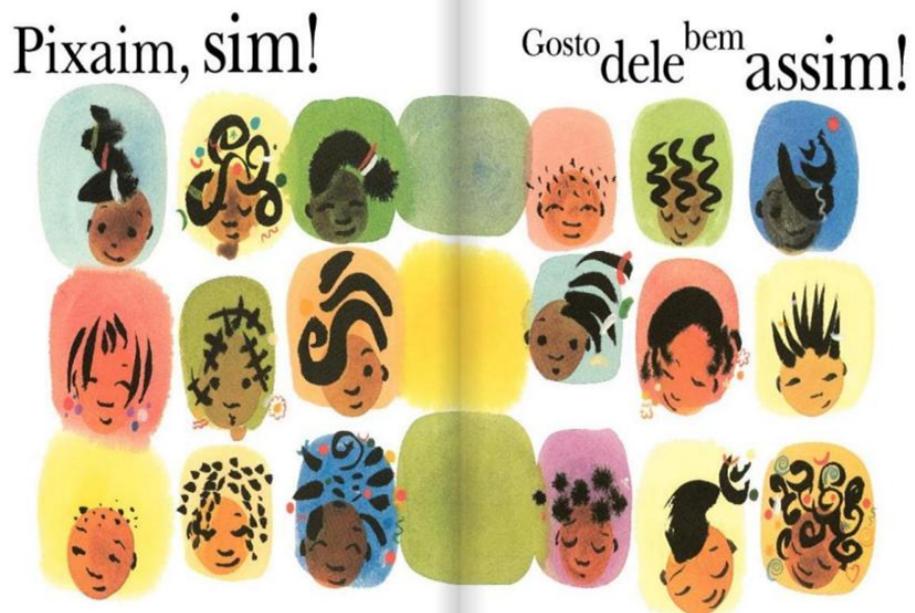
Figura 1.4: Cambalhota



Fonte: bell hooks, 2018, p. 15

A prática de alisamento do cabelo afro era uma tentativa de aproximação dos cabelos de meninas e mulheres à estética branca, com isso, mulheres negras buscavam maneiras de serem inseridas e aceitas na sociedade tentando se encaixar nos padrões de beleza, assim tentavam usar os cabelos crespos e cacheados de forma alisada, muitas vezes alisando também os das crianças da família. O alisamento de cabelos crespos e cacheados acarretava problemas à saúde do couro cabeludo e dos fios, danificava e tornava sensível o couro cabeludo devido ao uso de fortes produtos químicos e da necessidade de usar por mais tempo as fontes de calor para alisar. Também os fios eram danificados dentro do processo de alisamento, uma vez que cabelos crespos e cacheados sofrem mais facilmente com química e fontes de calor, acarretando cortes químicos e quedas. Mesmo com toda a problemática, essa prática, fundamentada neste objetivo de inserção na padronização, perdura por muito tempo e muitas gerações fazendo com que mulheres negras não aceitem seus cabelos e se submetam a tais sofrimentos na tentativa de aceitação na sociedade e fuga do preconceito.

Figura 1.5: Pixaim, sim!



Fonte: bell hooks, 2018, p. 11

Estas duas últimas imagens, que reúnem diferentes personagens em movimentos afetivos com seus cabelos, celebram o cabelo afro reforçando a mensagem positiva para a beleza negra, representada pelo cabelo e indicam posicionamentos de resistência. Na primeira imagem, a frase “Pixaim sim! Gosto dele bem assim” traz uma nova leitura da palavra “pixaim”, que retira a interpretação negativa comumente atrelada a ela e se configura como reconhecimento dessa estética capilar negra de forma afetiva, transforma então o termo em representação do orgulho do cabelo afro.

Figura 1.6: Meu Crespo é de Rainha



Fonte: bell hooks, 2018, p. 14

É interessante notar que a tradução do livro de bell hooks, traz o verbete pixaim, como sinônimo de cabelo crespo, afro, termo muito usado no Brasil, especialmente como forma discriminatória contra esses cabelos. O termo sempre foi bastante popular no Brasil, chegando a virar hit carnavalesco, em meados da década de 1990, com o lançamento da música da banda Chiclete com Banana, Meu Cabelo Duro é Assim, cujo refrão era seguido por Cabelo Duro de Pixaim. Embora hoje o termo tenha entrado para o panteão das palavras politicamente incorretas, não é incomum que seja usado em contextos preconceituosos ou ressignificado como forma de empoderamento, como foi usado no livro de bell hooks. Ao afirmar, “pixaim sim”, a autora busca resgatar esse termo e imprimir novo sentido.

A expressão “Feliz com meu cabelo firme e forte” (cf. Figura 1.6), juntamente com as ilustrações que representam a coletividade das crianças negras em celebração da sua estética, faz uma bonita referência à comunidade negra em resistência e união. Representa a união do povo em construção do pertencimento à origem e cultura, mas também a posicionamento resistente na luta contra os padrões excludentes na sociedade. A imagem celebrativa A diversidade nas ilustrações, além da vivacidade que as cores trazem, colaboram para a identificação e pertencimento nas crianças, além disso, contribui para que os pais ajudem que suas filhas se reconheçam na diversidade da beleza afro e incentivem o empoderamento. O discurso dos versos, apoiado pelas ilustrações, conversa diretamente com as visões da mulher negra como “outro” que discute Collins (2019) no sentido de refutá-la, buscando a destruir a visão limitadora da estética negra como sendo oposta ao padrão, ao ideal.

Assim, entendendo as experiências às meninas e mulheres negras são constantemente submetidas, que possuem relação diretamente com os sistemas de opressão que perpassa não somente a questão feminina, mas também racial, a autora motiva em meninas negras a afetividade com seus cabelos e buscando incentivar nelas um distanciamento de concepções que limitam a beleza aos padrões eurocêntricos. Ao reafirmar o direito de meninas negras se orgulharem de seus traços, hooks transforma o cabelo em símbolo político e cultural, abrindo espaço para reflexões acerca de toda história e cultura afro e relembrando a resistência necessária.

1.4 Considerações finais

Dessa forma, é possível perceber que o empoderamento feminino negro se faz necessário. Em uma sociedade moldada pelo racismo como herança colonial e que ainda vive até os dias atuais enraizada nos conceitos e perspectivas europeias, a luta dos que estão à margem é constante. Trata-se de uma luta por espaços dignos, oportunidades e relações de poder com mais igualdade, essa movimentação é possibilitada pelo empoderamento, em suas diversas vertentes.

O empoderamento de meninas e mulheres negras resgata a ancestralidade e o reconhecimento da mulher negra como parte da sociedade. Discutir com meninas negras sobre a diversidade dos traços e dos cabelos, é uma prática necessária e que precisa ocorrer em todos os espaços, permite o reconhecimento, a reafirmação da beleza negra contrapondo a relação de poder que impõem os padrões de beleza baseados na estética branca que historicamente inferioriza mulheres negras. Essa reafirmação contribui na autoconfiança, que faz com que mulheres negras se sintam dignas de enfrentar essas imposições e impulsionem a luta antirracista.

Gonzalez (2020) argumenta acerca da necessidade de se pesar o empoderamento de mulheres afro e políticas voltadas que incluem essas mulheres: “[...]o desenvolvimento de uma política feminista negra de empoderamento requer que domínios de poder que limitam as mulheres negras sejam especificados, bem como os modos de resistir a essa dominação.” O feminismo negro e as discussões interseccionais se fazem necessários à luta das mulheres negras, a partir desse ativismo é possível buscar uma maior visibilidade para as experiências sociais das mulheres negras que não podem ser analisadas sem considerar o fator raça.

Para que a luta antirracista possa difundir-se cada vez mais, é necessário que as discussões de raça aconteçam desde a infância, permitindo o maior empoderamento à comunidade negra, de forma que negros e negras se reconheçam e tenham voz para lutar contra as opressões da sociedade, que vão além das questões estéticas.

1.5 Referências bibliográficas

- ALMEIDA, S. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
BENTO, Cida. O Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

- BERTH, J. O que é empoderamento?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CARNEIRO, Suely. Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Zahar, 2023.
- COLLINS, P; BILGE, S. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Biotempo, 2019.
- CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Interseccionality, Identity, Politics, and Violence against Women of Color. In: Standford Law Review, Vol. 43, N.6, 1991.
- Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039> . Acesso em 30 de Abril de 2025.
- DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEVULSKI, Alessandra. Colorismo. Editora Jandaira, 2021.
- FEDERICI, Silvia. O calibã e a bruxa. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.
- GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A, 2020.
- HOOKS, bell. Meu Crespo é de Rainha. São Paulo: Boitatá, 2018.
- HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras. Editora Rosa dos Tempos, 2018.
- HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.
- KILOMBOLA, G. Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- PINHO, Carolina. Pedagogia Feminista Negra: primeiras aproximações. Editora Serpente, 2022.
- PINHO, Osmundo. E eu não sou uma mulher? - Sojourner Truth. Portal Geledés. 08 de Janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>]. Acesso em 25 de Janeiro de 2025.
- RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do Feminismo Negro? Companhia das Letras, 2018.
- WOOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Editora Rosa dos Tempos, 2018.